

LABORO - EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

JOACY PINHEIRO COELHO SOBRINHO

TOXICOMANIA E DOENÇA MENTAL: USO E ABUSO DE ÁLCOOL

São Luís

2011

JOACY PINHEIRO COELHO SOBRINHO

TOXICOMANIA E DOENÇA MENTAL: USO E ABUSO DE ÁLCOOL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da LABORO – Excelência em Pós - Graduação/Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Orientadora Profa. Mestre. Janete Valois Ferreira Serra

Coelho Sobrinho, Joacy Pinheiro

Toxicomania e doença mental: uso e abuso de álcool/Joacy Pinheiro
Coelho Sobrinho. - São Luís, 2011.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) – Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, LABORO - Excelência em Pós-Graduação, Universidade Estácio de Sá, 2011.

1. Alcoolismo. 2. Toxicomania. 3. Psicanálise. 4. Poder público.
Título.

CDU 351.761.1

JOACY PINHEIRO COELHO SOBRINHO

TOXICOMANIA E DOENÇA MENTAL: USO E ABUSO DE ÁLCOOL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da LABORO – Excelência em Pós - Graduação/Universidade Estácio de Sá para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Janete Valois Ferreira Serra (Orientadora)
Mestre em Psicologia Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Mônica Elinor Alves Gama
Doutora em Medicina
Universidade de São Paulo (USP)

TOXICOMANIA E DOENÇA MENTAL: USO E ABUSO DE ÁLCOOL

Joacy Pinheiro Coelho Sobrinho¹

RESUMO

Trabalho constituído em revisão de literatura, que visa estudar o uso e abuso de álcool na sociedade contemporânea e sua relação com a doença mental sob a ótica da Psicanálise, com foco na abordagem do problema pelo Poder Público. Tem como ponto de partida os textos freudianos e históricos que façam referência a origem às toxicomanias e ao hábito de beber da sociedade ocidental, demonstrando as diversas formas de utilização do álcool ao longo da história enfatizando suas consequências para a sociedade atual e de que forma o Estado, em suas diversas instâncias, tem combatido tal problema. Destaca-se o papel predominante das corporações capitalistas, com seus interesses comerciais, e a complexidade da subjetividade humana como fatores primordiais no entendimento da problemática do uso e abuso de álcool.

Unitemas: Toxicomanias; Alcoolismo; Psicanálise; Poder Público

SUMMARY

This work is a literary review on alcohol use and abuse in the contemporary society and its relation with mental disorders from psychoanalytic perspective, all in the light of public power approach. It has as starting-point Freud's works and case histories that make reference to drug addiction and the habit of Western society's drinking, demonstrating the many forms of alcohol use along history and emphasizing its consequence to the present society and how the State, in its many bodies, has tackled the problem. The corporations role, with its commercial interest, and the complexity of the human subjectivity are stood out as the mainly factors in the understanding of the problems in the alcohol use and abuse.

Uniterms: Drug addiction; alcoholism; psychoanalysis; public power.

Introdução

Qualquer pessoa que observar ao seu redor, perceberá que não é difícil ter a impressão de que algo de excepcional ocorre com o modo de viver e morrer das pessoas. Essa observação dá-se no cotidiano local, nas notícias vindas pelos mais diversos meios – que hoje não são poucos – tais como a televisão, o rádio, a internet, chegando mesmo à informação advinda de comentários entre pessoas próximas, no trabalho, ponto de ônibus. Enfim, por todos os lugares não é difícil ter a impressão de que o número de pessoas acometidas pelas drogas, dentre elas o álcool, vem aumentando e causando conseqüentemente um número cada vez maior de mortes precoces, seja pelo uso mesmo da substância, seja pela incapacidade que ela causa ou pelos mais diversos tipos de violência ligadas a essa prática.

¹ Psicanalista. Aluno do Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da LABORO Excelência em Pós-Graduação/Universidade Estácio de Sá.

O estudo que segue é uma tentativa de abordar o tema da toxicomania relativo ao uso e abuso de álcool e suas consequências para a sociedade, o Estado, as famílias e o sujeito, no sentido de tentar mostrar as motivações do usuário de bebidas alcoólicas e os diversos fatores que estão inseridos no processo de estímulo e combate ao uso dessas substâncias que, ainda que de diversas formas e mudando ao longo dos anos, sempre fizeram parte da sociedade.

Dessa forma, tenta-se mostrar como surgiram essas substâncias ao longo da história da civilização, enfatizando-se, por exemplo, que o álcool teve seu período de contribuição para a preservação da saúde das pessoas, quando era consumido em forma de cerveja no Egito Antigo onde, além de evitar a contaminação da água também era fonte de descontração e prazer.

Faz-se uma abordagem da busca natural do sujeito para repetir situações que lhe trazem prazer e, com base na Psicanálise, como, partindo dessa ideia inicial de busca de prazer, o sujeito acaba imerso num gozo que, na maioria dos casos, se não lhe causa a morte, requer do mesmo esforços e investimento imensos na tentativa de escapar daquilo que Freud chamou de pulsão de morte.

Por último é abordado como o Poder Público tem agido em relação ao uso e abuso de álcool, as toxicomanias e às doenças mentais advindas de tais hábitos. Tal referência ocorre em nível geral, contudo, será possível perceber que o texto aparenta às vezes tratar mais do Brasil. Essa situação poderá, num primeiro momento, parecer um equívoco ou erro técnico, porém, ao se refletir sobre a realidade globalizada do mundo atual, com seus objetos, textos e “gadgets” - que não conhecem fronteiras -, o leitor perceberá que essa realidade pode ser aplicada em muitos lugares. O objetivo deste trabalho consiste em estudar o uso e abuso de álcool na sociedade contemporânea e sua relação com a doença mental sob a ótica da Psicanálise, com foco na abordagem do problema pelo Poder Público.

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto procedeu-se com a estruturação de uma revisão de literatura, para a qual foram consideradas publicações nacionais e periódicos, impressos e virtuais (livros, artigos, teses, dissertações, dentre outros), além de buscas realizadas em Base de Dados (Google Acadêmico, Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde, dentre outros).

A pesquisa foi realizada no ano de 2011, cujo dados coletados fazem referência às substâncias psicoativas numa contextualização histórica, respaldando-se o álcool e sua dependência, bem como os transtornos mentais decorrentes de seu uso. Enfatiza-se o papel do

Poder Público como orientador das ações da sociedade com vistas a proporcionar mudanças na forma de viver do ser humano.

A civilização e o uso de substâncias psicoativas

Sabe-se que a utilização de substâncias entorpecentes é bastante antiga na história da humanidade. Diversos registros comprovam a utilização de um número variado de produtos que tinham como consequência de seu uso a alteração do estado psíquico do sujeito que a utilizava. O homem sempre buscou a manutenção de seu estado de harmonia física e psicológica, mas quando esse estado de relativa paz altera-se por algum motivo é quase intuitivo pensar na hipótese que algo para aplacar essa mudança seria ansiosamente buscado.

À medida que alterações na forma de viver do homem foram surgindo, acompanhando tais modificações apareceram objetos que os auxiliavam nas tarefas cotidianas e também substâncias que, às vezes descobertas ao acaso ou por curiosidade, lhes proporcionavam o alívio de algum tipo de dor ou aumento de sua sensação de bem-estar, enfim, acabavam por fazer parte de seu cotidiano, entrando em sua cultura e existindo até os dias atuais.

Com relação ao surgimento das bebidas alcoólicas Standage (2005, p. 15) diz que isso coincide com a mudança de estilo de vida do homem de nômade para sedentário, quando ocorreu também a domesticação das primeiras plantas. Nesse sentido, o referido autor pondera:

[...] Mas, com a mudança do estilo de vida de caça e coleta para um mais sedentário, os homens vieram a contar com uma nova bebida derivada de cevada e trigo, as primeiras plantas intencionalmente cultivadas. [...] Não se sabe exatamente quando a primeira cerveja foi fermentada. É quase certo que não havia cerveja antes de 10000 a.C., mas ela já estava espalhada pelo Oriente Próximo na altura de 4000 a.C., quando aparece num pictograma da Mesopotâmia – região que atualmente corresponde ao Iraque – que retrata duas pessoas tomando cerveja com canudos de junco num grande jarro de cerâmica.

Assim como o álcool, outras substâncias que faziam parte de rituais festivos e religiosos foram registradas pelos povos antigos e comprovam sua ligação estreita à história e cultura da civilização. A esse respeito Niel (2011, p.139) torna claro que:

Por volta de 2.000 a.C., o uso da *Cannabis* (maconha) com finalidades terapêuticas e ritualísticas era difundido na China, na Índia e no Egito. Também sobre o Egito Antigo, são encontrados, na mesma época, registros de pinturas e desenhos denotando estados de embriaguez pelo uso excessivo de álcool, representados por homens sendo carregados por diversos outros, após o uso da substância. Em meados dos anos 500 a.C., o povo Cita, antigos habitantes da região do Rio Danúbio e do Rio Volga, queimava haxixe, um derivado de maior concentração da *Cannabis*, durante os rituais religiosos de luto.

Observa-se que, em alguns momentos da história humana na Terra, a bebida alcoólica e demais substâncias entorpecentes foram essenciais para a manutenção da saúde e existência do homem – o álcool pode servir também para esterilizar e, como já dizia um notável alquimista, “a diferença entre o remédio e o veneno é apenas a dose” (Paracelso apud Moresca 2010, p.2467). A questão que permanece ainda hoje é como controlar essa diferença em meio à infinidade subjetiva que representa cada sujeito? Como saber até onde vai o benefício e até onde vai o malefício desse hábito tão caro e essencial à humanidade que é a busca pelo prazer ou o alívio da dor?

O mal-estar da civilização e o uso de álcool

Dando-se um salto cronológico em relação às características da civilização, com base no aparecimento de transformações mais intensas que demandaram formas de relacionamentos humanos mais complexos – diga-se do aparecimento das máquinas com o advento da chamada Revolução Industrial e o conseqüente processo de urbanização que obrigou as pessoas a viverem mais próximas fisicamente nas cidades -, vale destacar a reflexão que Freud (2006, p. 93 a 97) faz acerca dos avanços tecnológicos alcançados pelos homens e da permanência irrealizada do desejo ancestral de ser feliz:

[...] Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes. [...] A felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo. [...] Através de cada instrumento o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. [...] navios e aviões, [...] telescópio; [...] microscópio; [...] câmara fotográfica; [...] disco de gramofone; [...] telefone; [...] A escrita foi, em sua origem, a voz de uma pessoa ausente, e a casa para moradia constituiu um substituto do útero materno, o primeiro alojamento, pelo qual, com toda probabilidade, o homem ainda anseia, e no qual se achava seguro e se sentia à vontade.

É importante destacar que a referência acima mencionada ainda não faz menção às descobertas de medicamentos que irão marcar os tratamentos dos mais diversos tipos de distúrbios psíquicos a partir da década de 1950, numa verdadeira revolução farmacológica, e que ainda hoje são capazes de causar espanto a cada nova droga descoberta e anunciada

estrondosamente, através de anúncios de publicidade, pela indústria farmacêutica prometendo uma verdadeira panacéia, às vezes beirando a magia alquímica de tempos remotos. Como exemplo dessas descobertas, e falando mais especificamente da depressão, Horwitz e Wakefield (2010, p. 209-210) afirmam que:

Durante milhares de anos os médicos usaram medicamentos para tratar a depressão, a começar pelos antigos gregos e romanos, que frequentemente recorriam a purgantes e laxantes para induzir o vômito e a evacuação intestinal. [...] Antes do século XIX, o ópio, a morfina e outros alcalóides havia se tornado tratamentos comuns para a depressão. A estas drogas somaram-se os sedativos barbitúricos no início do século XX. [...] Durante os anos 1950, surgiram medicamentos específicos para tratar o sofrimento causado por problemas cotidianos, começando com o tranqüilizante meprobamato (Miltown).

Seria possível fazer longos comentários e citações acerca da comprovação de que tanto as bebidas alcoólicas quanto os mais diversos tipos de substâncias com poderes de alterar a psique humana sempre estiveram de alguma forma presentes na cultura humana, contudo, poder-se-ia correr o risco de cair na enfadonha prática da repetição, uma vez que o conhecimento de tal assertiva é quase senso comum.

De acordo com Cordeiro (2011, p. 15) o problema do abuso de drogas e álcool atualmente tornou-se algo epidêmico em todo o mundo, tanto em seus aspectos legais, sob a visão de que em muitos lugares do mundo quase tudo relacionado às drogas apresenta-se como caso de polícia, quanto naquilo que se relaciona aos usuários, e às consequências de tal hábito à sua saúde mental, sendo que neste caso as leis são mais brandas ao abordá-los como vítimas daqueles que produzem, transportam ou vendem tais substâncias – às vezes são considerados vítimas da própria substância química por si mesma. Além disso, o referido autor ainda esclarece:

Nos últimos anos, os meios de comunicação foram tomados de assalto pelos crescentes problemas envolvendo o consumo de álcool e outras drogas. Das manchetes dos jornais às capas de revistas, do horário nobre da televisão aos programas de fofoca, dos sites acadêmicos aos sites de relacionamento, nenhum espaço ficou incólume a corrupção, violência doméstica, mortes no trânsito, narcotráfico, roubos, assassinatos, falta de leitos para internação, dificuldades dos tratamentos ambulatoriais e tantas outras questões ligadas à dependência química.

Desse modo, o que se pretende colocar em questão é que, apesar dos avanços tecnológicos, nos mais variados aspectos, que puderam facilitar a vida do homem, ainda se pergunta até onde a prática do uso dessas substâncias contribuiu para ajudar ou prejudicar não só a saúde individual daqueles que as utilizam, mas também a saúde daqueles que convivem com usuários de tais substâncias, e o próprio dispêndio de tempo e recursos por parte do poder público no controle e combate desse hábito que pode se tornar extremamente nocivo.

Alcoolismo e transtornos mentais

Atualmente são utilizados os mais variados termos para definir os diversos tipos de dependência, sejam elas relacionadas a substâncias químicas ou não. Termos como adicto, toxicômano, alcoólatra, cocainômano, heroínômano e assim por diante, mas o que chama atenção e o que merece ser destacado são aquelas definições que mais indicam as reais consequências que o hábito de utilizar algum tipo de substância pode provocar à saúde do indivíduo. Assim vale destacar a definição de toxicômano dada por Ribeiro (2004, p. 94):

Toxicomania é um termo usado para designar o estado de dependência de drogas. *Tóxico* vem do grego *toxicon*, significando “veneno”. *Mania*, por sua vez, possui uma série de significados distintos, que vão de “loucura” até algum tipo de “excentricidade”, passando pela noção de “dependência”. Toxicomania, portanto, é um substantivo que designa uma forma curiosa de relação que se estabelece entre um maníaco e um veneno, ou o estado de um maníaco por veneno. Seja como for, entendido desta forma, é coisa de louco: ficar dependente de veneno.

Numa definição mais próxima da subjetividade do usuário de drogas Olievenstein (1984, p.11) define toxicomania como:

[...] uma forma de comportamento que, recorrendo a meios artificiais, ‘os tóxicos’ ou ‘as drogas’, visa tanto à negação dos sofrimentos como à busca de prazeres. [...] Trata-se, pois, de uma situação psicoafetiva estruturando-se para encontrar um estado almejado que deve funcionar como euforizante das satisfações que o indivíduo não encontra na vida cotidiana.

Esse entorpecimento da mente e do corpo que, como comprovam os registros na história da civilização, o homem sempre buscou, é um indicativo claro que confirma a ideia de que o prazer e a dor sempre fizeram parte da vida, contudo o que intriga e merece reflexão é saber se essa busca pelo prazer, ou pela fuga da dor, ao invés de proteger leve o sujeito à autodestruição, até onde isso pode ser considerado algo comum, tolerável, e a partir de que momento se torna algo epidêmico, merendo uma maior atenção por parte das famílias e do Poder Público.

Constitui-se fato corriqueiro alcoólatras e usuários de outras drogas em geral afirmarem, numa espécie de resignação prazerosa, num conformismo oceânico, que sabem que não durarão muito tempo, que irão morrer em consequência desse hábito, mesmo sabendo que antes podem adoecer e sofrer muito. Muitas vezes utilizam como argumento a história de um parente próximo que teve um fim trágico por causa do câncer de fígado ou que ainda padece nas garras do alcoolismo, já tendo perdido emprego, família e amigos – para tanto o argumento utilizado, mais que o próprio poder da substância, é o da sentença hereditária

apoiada numa superficial e equivocada noção da ciência genética, como se esse fosse seu único destino.

Pulsão e princípio de prazer

Talvez o fato da bebida alcoólica demorar muitos anos para causar dependência seja uma das explicações para a dificuldade no controle, aumento nos casos alcoolismo e de uso ocasional exagerado de álcool etílico - tem-se que repetir por vários anos o hábito de beber, num ato contínuo que entra sorrateiramente no estilo de vida, na forma de se divertir do sujeito. Freud indica que a psicologia humana possui o caráter de repetir determinada atitude, ao que ele chama de compulsão à repetição, onde o sujeito reage sempre da mesma forma perante dada situação. Nesse sentido, afirma Roudinesco (1998, p. 656) “A compulsão à repetição provém do campo pulsional, do qual possui uma insistência conservadora”.

Essa força que compele o sujeito a repetir sempre um hábito que o levará à ruína difere do instinto visto nos animais ditos irracionais, tendo em vista que este instinto tem por finalidade a preservação da vida e não sua aniquilação – tal diferença marca o ser humano que está submetido, para Freud, às forças da pulsão. A pulsão só tem um objetivo que é a satisfação, não importando se para isso o corpo do sujeito, aquele que erroneamente acredita ter o controle sobre a pulsão, tenha que pagar com sua própria destruição – pulsão tem vida própria e segue suas próprias leis. Sobre isso Jorge (2002, p.55) diz que: “existe alguma coisa vinculada à compulsão de repetição, que sobrepuja o princípio de prazer, fazendo com que o sujeito seja arrastado por uma espécie de força demoníaca. Trata-se da pulsão de morte”.

Nessa busca pelo prazer o sujeito é obrigado a refletir sobre qual é o seu limite, o momento de parar de beber em dada ocasião ou mesmo em relação à determinada situação ao longo de sua vida. É esse limite que se torna o ponto mais intrigante e difícil de determinar não só pelo próprio sujeito, mas também pelos que os rodeiam, tendo em vista que essa é uma variável extremamente influenciável por uma série de fatores subjetivos e por isso desconhecidos, é uma questão de ter equilíbrio na prática de um hábito que tem por natureza proporcionar justamente a perda de equilíbrio, pois estabiliza o sujeito, temporariamente, em sua busca pela sensação de prazer e fuga da realidade. Nesse sentido, Freud (2006, p. 85-86) afirma:

[...] Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. [...] O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis.

Esse prazer ao qual todos têm a tendência de buscar confunde-se com o prazer encontrado por não se suportar as frustrações inerentes à existência humana e que deriva na busca pelas satisfações ditas substitutivas. Não há como o homem escapar do sofrimento, tendo em vista que a constituição do próprio corpo é algo que está fadado a um dia trazer sofrimento à pessoa, existindo também outras fontes comuns de desprazer. Freud (1996, p. 84-85) faz referência a esse sofrimento quando diz que:

Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução [...]; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes.

Dessa forma concorda-se com a idéia de que o sofrimento, a decepção com as pessoas próximas e consigo mesmo, a frustração, enfim, a infelicidade momentânea e às vezes duradoura em determinados momentos e ocasiões da existência, fazem parte da vida do homem. O questionamento que surge nesse momento é por que em muitas dessas situações o sofrimento passa a ser insuportável e leva alguns sujeitos a buscarem a fuga dessa realidade que o esmaga encontrando refúgio justamente nas substâncias entorpecentes, dentre elas álcool?

Repetição e fuga da realidade

Essa busca pelo infinito, pela constante distância daquilo que parece ser o fardo insuportável e inevitável leva o sujeito a mergulhar, num verdadeiro processo de fusão com o com os elementos, na busca do retorno às origens do seu ser. Lebrun (2004, p. 132-134), falando dessa dificuldade do sujeito em admitir e assumir o caráter incompleto da existência humana, com base no discurso social do qual o capitalista se utiliza, afirma:

[...] um discurso social que deixa crer que a ordem simbólica não traz mais em si, como estrutural, essa inelutável decepção. Doravante o campo está livre para o avanço de uma lua-de-mel entre a evitação da castração pelo sujeito e o que uma sociedade assim marcada pelos implícitos do discurso da ciência faz brilhar. [...] a queixa do sujeito não se origina mais no sofrimento legítimo de dever assumir “o caráter fundamentalmente decepcionante da ordem simbólica”; num tal contexto, emana de um sofrimento que se deve qualificar de ilegítimo, pois vem de que o sujeito recusa assumir a dita decepção e aquilo de que se queixa, doravante, é de não receber os dons. [...] Podemos, com efeito, pensar que alguns, assustados e enojados com o encontro com a incontornável decepção, dopados pelo que o social deixa entender, a saber, que “tudo será possível”, ou que “nada será impossível”, alguns, incomunicabilidade e injustiça, não querem mais.

Vale mencionar a referência que o mesmo autor faz ao belo filme *Imensidão Azul* de Luc Besson (1988), retratando a luta, inconsciente, dos dois personagens principais do filme na escolha entre o mundo maravilhoso do fundo do mar e as responsabilidades do mundo real, da superfície, às quais todos têm que se defrontar ao logo da vida. Assim, Lebrun (2004, p.135) diz que: ”com efeito, trata-se de desabonar as modalidades da existência subordinadas à ordem simbólica, para realizar na morte esse voto de não mais querer e, em troca, de se deixar absorver inteiramente pelo oceano”.

Corroborando o que menciona o autor, destacam-se três breves diálogos do filme entre os três personagens principais da trama: Enzo, Jacques e Joanna. Num primeiro diálogo, entre Enzo e Joanna, esta, intrigada pela paixão que seu parceiro tinha pelo mergulho em apnéia, lhe pergunta:

Joanna: Qual a sensação quando você mergulha?

Jacques: A sensação de escorregar sem cair. O mais difícil é quando você chega ao fundo

Joanna: Por quê?

Jacques: Por que você tem de achar uma boa razão para voltar para cima. E é difícil para mim, achar uma.

Numa das competições de mergulho livre, das quais os dois amigos sempre participam quebrando seus próprios recordes, Enzo, após se exceder num mergulho, volta à tona entre a vida e a morte, resgatado por Jacques e, podendo escolher entre a cura, o tratamento de seus ferimentos, a vida, e a morte - o fundo do oceano, aquilo que sempre lhe pareceu um esplendor – faz o seguinte pedido a seu amigo:

Enzo: Você estava certo.

Jacques: Sobre o que?

Enzo: É muito melhor lá em baixo. É um lugar melhor. Me coloque de volta na água.

Jacques: Não, não posso.

Enzo: Jacques, me leve de volta, por favor.

Atendendo a um último pedido de seu amigo de infância e mais por imaginar saber do que o mesmo estava falando, Jacques mergulha alguns metros, solta o corpo de Enzo, que desaparece lentamente na escuridão do oceano, e fita-o até o último momento, deixando transparecer no seu olhar um misto de curiosidade e vontade de estar ali com ele, de descobrir, enfim, o que esconde o lugar que para eles representava o paraíso ou ao menos o que lhes distanciava da realidade da superfície.

Mais adiante na trama, depois de pesadelos e uma insatisfação constante com o mundo real, que lhe convocava a assumir uma família, Jacques segue o destino escolhido por seu amigo Enzo, numa espécie de gozo autodestrutivo, mas que para ele parecia um renascer fundido à eternidade do oceano. Observe-se o último diálogo entre Enzo e Joanna, sua companheira:

Jacques: Eu tenho de ir para ver.

Joanna: Ver o que? Não há nada para ver. É escuro e frio lá em baixo. Você estará sozinho. E eu estou aqui. Sou de verdade. Eu existo. Eu te amo. Estou grávida. Você me ouviu?

Como se não entendesse nada do que sua mulher falava, mesmo a idéia de que seria pai, Jacques permanecia fixo na sua busca irrealizável de descobrir o segredo contido no fundo do mar— do prazer que sentia ao estar lá. Selando seu destino o mesmo convence sua companheira que precisa fazer aquele mergulho, e esta, sem saída, pede a ele que “vá e veja”. Jacques, então, pega o braço de Joanna e a faz puxar a corda que o prende ao barco, mergulhando na escuridão do oceano, onde ainda, num último resquício de reflexão sobre a possibilidade de escolher voltar á superfície, olha para cima, quando, de repente, um golfinho aparece e sinaliza que o acompanhe, Jacques, então, sorri - como se confirmasse que havia finalmente encontrado o caminho - e decide, enfim, seguir aquilo que parece ser seu único destino, desaparecendo na imensidão azul e escura do oceano.

Não é difícil comparar os diálogos acima descritos com aqueles que ocorrem entre alcoólatras, seus familiares e amigos, que sempre estão pedindo para que os mesmos olhem para o hábito que aos poucos está lhes tirando a saúde e a vida e que, na maioria dos casos, não surtem efeito sobre os usuários. As estatísticas indicam isso tanto no mundo quanto no Brasil, conforme atesta Diehl et al (2011, p. 129):

Em âmbito global, o consumo de álcool tem aumentado nas últimas décadas, com predominância de avanço nos países em desenvolvimento. Esse aumento tem sido mais frequente em países onde existe pouca tradição de políticas sociais de controle do uso de álcool, assim como em métodos de prevenção e tratamento. [...] No Brasil, dados do Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), referentes aos dois levantamentos domiciliares do uso dessas drogas realizados no País, mostram que a prevalência do consumo de álcool na vida aumentou de 68,7 para 74,6%, e a dependência de álcool, de 11,2 para 12,3%, entre 2001 e 2005.

Sendo a busca pelo prazer um princípio da psicologia humana, o discurso dos entes capitalistas utiliza-se disso na disseminação da idéia que ninguém é obrigado a passar por qualquer tipo de sofrimento, de que isso é uma opção daqueles que não estão inseridos nesse no progresso, nessa, sempre renovada “atualidade”, seja ela a moda que veste o corpo, que transporta, diverte, distrai, alimenta, ensina, educa, comunica ou entretém.

Esse discurso tende a tirar o prazer inerente das atividades tradicionalmente praticadas pelo sujeito e que outrora se apresentavam como fontes naturais de prazer, tais como o trabalho, as relações de amizade, a arte, a afetividade e o sexo. Como o advento do capitalismo industrial e sua forma de inserir o homem como uma peça no processo de produção, o trabalhador deixou de obter satisfação dessa atividade e passou a mirar como prazeroso, geralmente, aquilo que não se relaciona ao trabalho. Logo, se trabalha para ser feliz depois do trabalho, nas horas livres, nos feriados, diariamente nas chamadas “happy hour” (hora feliz) – sempre regados a algum tipo de bebida alcoólica.

Influências da mídia e dificuldades no tratamento

Na cultura ocidental o álcool é algo predominante em quase todas as ocasiões. Do início ao final do ano sempre existem acontecimentos onde já é quase uma convenção o consumo de bebidas, principalmente de cerveja, tais como em confraternizações entre colegas de trabalho, festas natalinas, “*réveillon*”, carnaval, nascimentos, aniversários ou até mesmo apenas para conversar. Falando sobre as bebidas inventadas pelo homem e fazendo o resumo bastante claro das consequências possíveis de seu uso, Standage (2005, p. 09) descreve:

Além de oferecer alternativas mais seguras para suprimentos de água contaminada por doenças em agrupamentos humanos, elas assumiram funções variadas. Muitas têm sido usadas como moeda, em rituais religiosos, Como símbolos políticos ou como fonte de inspiração filosófica e artística. Algumas têm servido para ressaltar o poder e o posicionamento da elite ou para subjugar ou apaziguar os oprimidos. As bebidas têm sido usadas para celebrar nascimentos, homenagear mortos e estabelecer e fortalecer relacionamentos sociais; para fechar transações comerciais e tratados; para aguçar os sentidos ou entorpecer a mente; para conter remédios salvadores ou venenos mortais.

A problemática do alcoolismo configura-se em algo extremamente complexo em sua resolução, pois envolve fatores subjetivos dos usuários além de questões culturais e

legais dos diversos países que enfrentam tal problemática, além de interesses comerciais de grandes corporações que, por conseguinte, conseguem influenciar governos e legisladores no direcionamento das leis com intuito de beneficiá-las. Dessa forma, são também diversas e não menos complexas as alternativas de abordagens propostas por profissionais da Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise para, se não solucionar, ao menos amenizar tal problema. Nesse sentido, Diehl (2011. p. 16) afirma:

A dependência química vem se tornando cada vez mais um paradigma para pais, profissionais da saúde, educadores, gerenciadores de políticas públicas, legisladores, enfim para toda a sociedade. O impacto social, econômico e para a saúde decorrente desse transtorno é realmente imenso.

Sabe-se que é grande o número de pessoas dependentes de substâncias químicas, dentre elas o álcool que, mesmo submetidos aos mais variados tratamentos, não conseguem abandonar tal hábito. O álcool torna-se um inimigo de difícil combate tendo em vista o fato de muitas vezes seu uso estar associado a fatores benéficos tais como socialização, diversão até mesmo medicamentosos e alimentares. Muitas dessas mensagens são transmitidas à sociedade de forma subliminar através de comerciais veiculados nos mais diversos tipos de mídia, quase sempre relacionando o produto a algum tipo de ídolo, principalmente da juventude – como é o caso das cervejarias que patrocinam uma infinidade de eventos esportivos e shows musicais. Nesse aspecto, Pinsky e Frago (2011. p. 234) acrescentam:

A quantidade de tempo em que os jovens são expostos a propagandas das empresas produtoras de bebidas alcoólicas é um dos fatores que parecem influenciar o consumo desses produtos. Austin e Hust mostraram que o estímulo ao consumo de bebidas alcoólicas apresentado pela publicidade atinge especialmente os jovens, em razão de apelos à sexualidade e da associação com a ideia de relaxamento.

A Psicanálise, que possui como fundamento a associação livre, onde o sujeito é convidado a falar, sem restrições, aquilo que lhe vem à cabeça, constitui-se numa abordagem terapêutica considerada por muitos como longa e onerosa, e que parece não ter lugar num mundo em que as pessoas têm se acostumado à rapidez na obtenção dos mais diversos tipos de resultados para suas vidas. Assim, Cristeva (2002, p. 14), falando do que ela denomina de novas doenças da alma, esclarece que:

[...] pressionados pelo estresse, impacientes por ganhar e gastar, por desfrutar e morrer, os homens e mulheres de hoje economizam essa representação de sua experiência a que chamamos vida psíquica. O ato e seu avesso, o abandono, substituem a interpretação do sentido.”

É comum nos meios psicanalíticos se afirmar que o analista é o último a ser procurado – depois que fracassaram todas as outras tentativas de cura – normalmente o sujeito que sofre procura primeiro os meios mais conhecidos e aceitos socialmente, aqueles que não indiquem que ao procurá-lo se tem questões subjetivas complexas, inassimiláveis pela ciência, questões que indiquem que a loucura pode estar presente.

Como a essa altura o sofrimento do sujeito é o maior possível, talvez isso implique em um maior investimento nessa terapia, quando, enfim o sujeito percebe que já perdeu o bastante de sua vida, seja material ou emocionalmente. Assim, Melman (2003, p. 114) afirma que “[...] aquilo que o neurótico paga durante sua vida é infinitamente mais caro do que o montante que entrega a seu analista.”

O Poder Público e as transformações sociais

Poder Público, entendido nessa análise, como as esferas de poder municipal, estadual e federal do Brasil e como o governo, instância decisória, em outros países, constitui-se no local onde são elaboradas as normas que irão orientar as ações da sociedade. Não como aquele que concentra o poder, mas como quem tem a responsabilidade de orientar na base, diga-se na família, a visão daquilo que notadamente pode trazer prejuízo às pessoas.

A questão é que, principalmente no Brasil e nos países de menor poder econômico - que apresentam como consequência um baixo nível educacional e político -, as normas criadas para um correto ordenamento social, quase sempre não são respeitadas pelos cidadãos, num verdadeiro desrespeito à própria norma e princípios norteadores da boa convivência, que, mesmo faltando na letra da Lei, deveria ser levado em conta em face da noção do bom senso.

Seria bom que a sociedade não necessitasse de leis, por exemplo, para proibir a venda de bebidas alcoólicas aos menores de idade, porque isso já deveria estar inscrito na base familiar formadora da sociedade, o que evitaria ainda o dispêndio material e humano do Estado na tentativa, quase sempre em vão, de coibir tal prática. Desse modo, se evitaria o processo que faz o Estado parar, na tentativa de controlar o incontrolável, a pulsão – a chamada Lei Seca aplicada nos Estados Unidos nos anos 1920 é um exemplo disso.

As transformações sociais por que passa o mundo atualmente, com as novas tecnologias, que diariamente implicam em mudanças no cotidiano das pessoas, refletem em novas formas de trabalho e relações interpessoais, muitas vezes contribuindo para o surgimento ou aumentos de patologias psíquicas. Nesse aspecto, De Masi (2000, p.159) considera:

A sociedade industrial conseguiu fazer com que o tempo virasse uma mania, uma neurose [...] todas as ações humanas, até mesmo os pensamentos, possuíam tempos e lugares específicos: o amor, de noite em casa, o trabalho, de manhã no escritório, as compras, num determinado bairro, a diversão, num outro, e assim por diante. [...] Ora, com o fax, o celular, o correio eletrônico, a Internet, a secretária eletrônica, nós podemos fazer tudo em todo e qualquer lugar. Usos, mentalidades e sentimentos separam-se sempre mais dos lugares e dos horários. Chega-se ao ponto em que até o sexo pago pode ser feito por telefone a distâncias intercontinentais

Note-se que, mesmo apontando o contraste entre a sociedade industrial e a de hoje, que começava a surgir quando o autor escrevera o texto acima, passados pouco mais de dez anos é possível perceber que alguns objetos e inovações hoje já se encontram obsoletos ou em total desuso, como é o caso do fax e da secretária eletrônica. Ainda nesse sentido Lebrun (2004, p. 13) aponta:

Ninguém contestará que nosso social está, atualmente, profundamente modificado: ademais, sua evolução se dá de modo tão rápido que com frequência nos sentimos impotentes quanto a identificar as articulações de onde procedem todas as mudanças a que assistimos. [...] Citemos, sem impor ordem, a mundialização da economia, a desafetação do político, o crescimento do individualismo, a crise do Estado providência, os excessos da tecnologia, o aumento da violência ao mesmo tempo que a evitação da conflitualidade, a escalada do juridismo...

Desse modo observa-se uma dificuldade, beirando mesmo à incapacidade, do Poder Público acompanhar, no sentido de ordenar, as mudanças nas formas de viver de uma sociedade imersa nas transformações que objetos criados pela ciência e a serviço do capitalismo são capazes de operar – diga-se dentre esses objetos encontra-se a substância entorpecente, dentre elas o álcool que, assim como aqueles prometem a falsa ideia alívio da dor, poder e inserção social.

Não se deve desconsiderar o esforço que o Estado brasileiro, por exemplo, tem empreendido no combate aos transtornos mentais causados pelo uso de álcool e outras drogas, com a criação e manutenção dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), contudo sabe-se que o cerne da questão encontra-se na base familiar e educacional da maioria das pessoas acometidas por tal doença, percebendo-se que ainda é muito lenta a ação do Estado brasileiro no sentido de valorizar a educação.

Considerações Finais

De acordo com os argumentos acima citados tornou-se possível observar que substâncias capazes de causar mudanças nas formas de perceber o mundo, os gostos, os relacionamentos e sentimentos, dentre elas o álcool, sempre fizeram parte da história da humanidade, das mais diversas formas, tendo seus usos também mudados ao longo dos anos e

que, seja em qualquer época, de uma forma ou de outra, tais produtos sempre trouxeram algum tipo de benefício ou prejuízo àqueles que deles fizeram uso.

Pode-se observar que forças bastante complexas exercem influência sobre o sujeito na busca incessante pelo prazer e que, ao mesmo tempo, ao encontrar essa sensação de ausência de dor proporcionada pelas drogas, o homem mergulha num estado de inércia em relação às outras coisas que fazem parte da vida, muitas vezes encontrando a morte ou a incapacidade permanente devido às violências às quais se submete.

O álcool tem uma peculiaridade em relação às outras substâncias entorpecentes por ser amplamente aceito e ter seus prejuízos à saúde manifestos apenas após longos anos de uso contínuo, o que passa a falsa ideia de inofensivo, porém, na atualidade, os problemas de violência causados por pessoas alcoolizadas têm crescido tanto que o Poder Público mostra-se disposto a aumentar e apressar as providências no sentido de controlar ou diminuir o consumo de bebidas alcoólicas.

Um dos grandes obstáculos que o uso e abuso de bebidas alcoólicas apresenta quanto ao seu controle diz respeito às forças econômicas que estão por trás das divulgações vendas, principalmente de cerveja. Grandes empresas multinacionais, que geram bilhões em dividendos e impostos patrocinam representantes políticos e figuras de destaque na mídia, incentivando o enaltecimento do uso de bebidas, muitas vezes tendo como alvo principal os jovens – justamente aqueles que mais estão sendo prejudicados pelo consumo excessivo de bebidas, como se vê nas estatísticas de mortes violentas relacionadas ao álcool.

O Poder Público, mesmo empreendendo esforços no sentido de controlar os excessos e ilegalidades, ao que tudo indica, não tem conseguido seu intento. Talvez a rapidez como a qual o processo tem ocorrido ultimamente – fato natural na era tecnológica atual – seja um fator determinante disso. As leis, quando entram em vigor, já estão obsoletas e, quando não, falta estrutura do Estado, tanto material quanto humana, para efetivar o cumprimento das mesmas.

Logo, fica evidente que o problema deveria ser atacado por outro ângulo, mesmo não deixando de continuar fazendo o controle na ponta com aqueles que já estão doentes. Percebe-se que o papel da família e da escola são fundamentais no combate dessa problemática, mas ao que tudo indica, com base no que o Brasil tem despendido à educação, essa ainda não é uma prioridade.

De qualquer forma, será difícil resolver problemas relacionados à subjetividade humana que, como o alcoolismo, tem levado pessoas à morte, sem considerá-la, essa subjetividade, como algo extremamente complexo, que sofre uma infinidade de influências

contínuas, principalmente da cultura. O ser humano, ainda que apresente características físicas animais, se difere enormemente destes justamente pelas escolhas que tem em relação aos mais diversos aspectos de sua vida, gerando a dúvida, que o adocece por si mesma, ou pelas escolhas que a pessoa faz. O sujeito sempre estará submetido à força formidável da pulsão que, dia e noite, só quer uma coisa: se satisfazer.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Daniel Cruz. Apresentação. In: DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel Cruz, LARANJEIRA, Ronaldo (org.). Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CRISTEVA, Julia. As novas doenças da alma. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- DE MASI, Domenico. O Ócio Criativo: entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Sextante, 6 Ed., 2000.
- FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXI. O Mal-estar na Civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HORWITZ, Allan V., WAKEFIELD, Jerome C. A tristeza perdida: como a psiquiatria transformou a depressão em moda. São Paulo: Summus, 2010
- IMENSIDÃO azul. Direção e roteiro: Luc Besson. Produção: França/Estados Unidos. Distribuição: Fox Home Entertainment, 1988. 1DVD (160 min.). Color. Legendado. Port.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho, FERREIRA, Nadiá Paulo. Freud, criador da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LEBRUN, Jean-Pierre. Um Mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2004.
- MORESCA, Letícia. Hedge e Derivativos: aspectos jurídicos da internalização do risco. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Fortaleza – CE. 2010.
- NIEL, Marcelo. Aspectos Históricos sobre o uso de drogas. In: DIEHL, Alessandra, CORDEIRO, Daniel Cruz, LARANJEIRA, Ronaldo (org.). Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- OLIEVENSTEIN, Claude. A Droga: drogas e toxicômanos. 2.ed. São Paulo. Brasiliense, 1984.
- PINSKY, Ilana, FRAGOSO, Nelson Destro. O Álcool, a publicidade e propaganda. In: DIEHL, Alessandra, CORDEIRO, Daniel Cruz, LARANJEIRA, Ronaldo (org.). Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- RIBEIRO, Eduardo Mendes. Entre tóxicos e manias. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, 26, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

ANEXO A – Normas Para Publicação

LAÇOS – Saúde Mental em Rede. Caderno Eletrônico da Reforma Psiquiátrica.
MS/SAS/DAPE/ Coordenação Geral de Saúde Mental. Atualizado 30 de dezembro de 2004
Edição Especial de Lançamento.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

O artigo deve ser digitado no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar o artigo, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. O artigo não deve exceder 15 (quinze) páginas, incluindo tabelas, gráficos, figuras e referências bibliográficas. O artigo deverá ser original, ou seja, não ter sido publicado anteriormente. As ilustrações, quadros e tabelas, numeradas em algarismos arábicos, com suas respectivas legendas devem vir inseridas no corpo do texto. As citações literais no texto devem ser feitas pelo sobrenome do autor (em letras minúsculas), seguido do ano de publicação e página. Ex.: (Machado, 1996, p. 121). Quando se refere a idéias de autores, coloca-se o sobrenome do autor (em letras minúsculas), seguido do ano de publicação. Ex.: (Freire, 1994). Quando houver dois autores, os nomes devem ser separados por "e". Ex.: (Silva e Moreira). Quando houver três ou mais autores, deve-se citar o primeiro autor seguido de "et alii". Ex.: (Moreira et alii). As referências devem ser apresentadas em ordem alfabética e conter todos os dados necessários à sua identificação, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

O relato deve ser digitado no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar a o relato, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. O objeto do relato deve ser a experiência de trabalho do autor no campo da saúde mental no SUS. O Relato não deve exceder 10 (dez) páginas. O relato não deverá conter ilustrações, quadros, figuras ou tabelas. As referências devem ser apresentadas em ordem alfabética e conter todos os dados necessários à sua identificação, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS DOS USUÁRIOS

O texto do usuário deve ser digitado no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar o texto, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. O texto não deve exceder 10 (dez) páginas. O texto do usuário não deverá conter ilustrações, quadros, figuras ou tabelas. É facultado ao autor o uso ou não de referências. Quando forem utilizadas, devem ser apresentadas em ordem alfabética e conter todos os dados necessários à sua identificação, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE RESENHAS DE LIVROS, ARTIGOS E TESES/DISSERTAÇÕES

A resenha deve ser digitada no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar a resenha, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. A resenha não deve exceder 4 (quatro) páginas, incluindo tabelas, gráficos, figuras e referência bibliográfica. As ilustrações, quadros e tabelas, numeradas em algarismos arábicos, com suas respectivas legendas devem vir inseridas no corpo do texto. Deverá ser encaminhada, juntamente com a

resenha, a referência completa do trabalho analisado, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS RESUMOS DE MONOGRAFIAS DE CURSOS DE CAPACITAÇÃO/ESPECIALIZAÇÃO VINCULADOS AOS PÓLOS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

O resumo deve ser digitado no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar o resumo, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. O resumo não deve exceder 15 (quinze) linhas, incluindo lista de termos chaves. O resumo deverá referir-se a monografia de curso de capacitação/especialização vinculados aos Núcleos de Formação em Saúde Mental dos Pólos de Educação Permanente em Saúde. O resumo não deverá conter tabelas, gráficos e figuras. O resumo não deverá conter citações além das do autor do texto resumido. Deverão ser encaminhadas, juntamente com o resumo, as referências completas do trabalho apresentado, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS RESUMOS DE MONOGRAFIAS DE CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO, DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO

O resumo deve ser digitado no programa *Word for Windows 6.0* ou posterior. Fonte: Times New Roman; tamanho da Fonte: 12; parágrafo: 1,5. O autor deverá encaminhar o resumo, somente por correio eletrônico, para o endereço especificado acima. O resumo não deve exceder 15 (quinze) linhas, incluindo lista de termos chaves. O resumo deverá referir-se a monografia de curso de capacitação/especialização, dissertação de mestrado ou tese de doutorado, comprovadamente apresentados em cursos reconhecidos pelo MS ou em instituição de ensino reconhecida pelo MEC. O resumo não deverá conter tabelas, gráficos e figuras. O resumo não deverá conter citações além das do autor do texto resumido. Deverá ser encaminhado, juntamente com o resumo, as referências completas do trabalho que ela se refere, de acordo com as normas da ABNT, publicadas a partir de 2000.